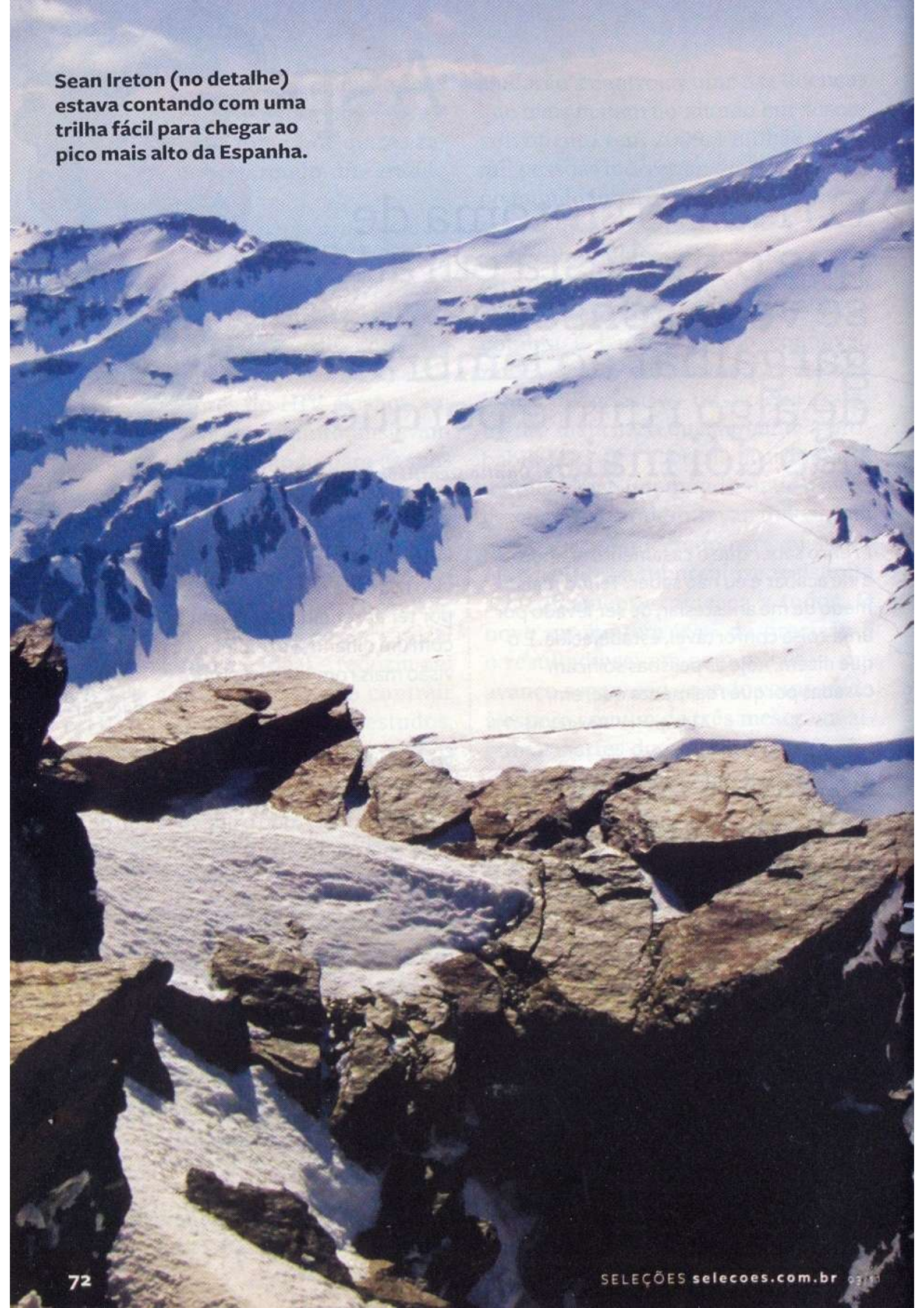


Sean Ireton (no detalhe)
estava contando com uma
trilha fácil para chegar ao
pico mais alto da Espanha.



Perdido!



Era para ser uma simples caminhada diurna. Mas tudo o que podia dar errado... deu.

POR NICK HEIL

Desde criança, Sean Ireton é um praticante apaixonado de caminhadas, escalando trilhas em montanhas nos Estados Unidos e na Europa. Mesmo em viagens com a família, era típico ele tirar um dia só para si e escalar um pico tentador. Em 2009, ele e a mulher, Megan, ambos professores de alemão na Universidade do Missouri e em férias prolongadas em Düsseldorf, na Alemanha, planejaram uma aventura mochileira de duas semanas com o filho de 12 anos, Aidan. Partiram

em dezembro e passaram os dias fazendo turismo e caminhadas nas montanhas do sul, sempre arranjando um tempo para provar a culinária regional e desfrutar dos robustos vinhos tintos do país. Sean, 45 anos, estava ansioso por fazer uma caminhada solitária em El Mulhacén, saliência rochosa da Sierra Nevada, na Espanha, com 3.480 metros de altura, o pico mais alto da Espanha continental. Do Mulhacén, em dia claro, dava para ver o Marrocos, do outro lado do Mediterrâneo.

Quando se aproximaram de Pradollano, aldeia onde se pratica esqui, nas proximidades do Mulhacén, a família armou a barraca na floresta. Nessa época do ano, as trilhas nevadas da montanha estavam lotadas, e só requeriam um passo moderado para chegar ao largo cume do Mulhacén em cerca de quatro horas. Na manhã seguinte,

bem cedo, Sean vestiu algumas camadas de roupas quentes e partiu sob um alvorecer lilás e dourado.

Escureceu, e a mulher e Aidan, filho de Sean, estavam dentro da barraca, preocupados.

– Quando papai vai voltar? – perguntava o garoto a todo momento. – Por que ele ainda não chegou?

– Ele volta logo, meu bem – tranquilizava a mãe.

O marido já havia chegado tarde em excursões anteriores, mas desta vez estava exagerando. Então, quando já passava da meia-noite, Megan levou Aidan à cidade e foi pedir ajuda.

A cidadezinha geralmente animada estava deserta, dava arrepios ver as cadeirinhas do teleférico imóveis, penduradas no escuro. Megan não sabia falar espanhol, e as instruções do recepcio-

“Aidan sentiu que havia algo errado”



nista do hotel os fizeram andar em círculos. Teriam de esperar amanhecer. “Aidan estava tão nervoso”, recorda Megan. “Ele sentiu que havia algo errado. Tinha aquela intuição infantil.”

Sean se aproximara do topo do Mulhacén no meio da tarde, mas deu meia-volta a algumas centenas de metros do cume, quando a trilha se tornou perigosamente íngreme e escorregadia. As nuvens se fecharam enquanto ele descia, e o fizeram desviar-se da trilha. Quando percebeu o engano, já anoitecia e começara a chover. “Eu estava me molhando,

e escurecia depressa”, recorda. Felizmente, ele viu um abrigo de pedra. “Eu não queria me perder e terminar do outro lado da montanha, então resolvi passar a noite na cabana.”

Ali dentro era escuro e úmido, mas havia uma mesa, beliches de madeira, e até um colchão de espuma numa cama. Sean comeu uma barra de chocolate que trazia na mochila e se acomodou. O retorno ao acampamento de manhã seria fácil, e ele imaginava o alívio de todos quando chegasse ileso.

Às seis da manhã já estava de pé, atravessando uma ampla concavidade



A mulher de Sean, Megan, com o filho deles, Aidan. Ela imaginou o marido ferido na montanha.

inha aquela intuição infantil”, diz Megan.

e subindo uma ladeira íngreme e coberta de neve; do outro lado do cume ficava a área de esqui, e dali ele podia praticamente correr ladeira abaixo. Havia progredido bastante até que, de repente, uma tempestade assolou a cordilheira e quase o tirou do chão. Em poucos minutos, ele estava no meio de um *whiteout* [situação meteorológica provocada por uma nuvem pesada que cobre a neve, em que a luz que vem de cima é aproximadamente igual à luz refletida de baixo para cima, e que se caracteriza pela ausência de sombra, invisibilidade do horizonte e em que

só é possível discernir objetos muito escuros]. *Se eu conseguir chegar ao topo, estarei livre*, pensou, ao se esforçar para prosseguir, curvando o corpo contra a ventania.

Mas o cume não aparecia, e Sean sabia que era loucura ficar na ladeira exposta. Ele teria de procurar um caminho alternativo. Não fazia ideia de onde estava, mas achava que conseguia enxergar uma trilha mais abaixo.

Então testou a neve à sua frente. Parecia dura e escorregadia. Lamentava não ter levado os *crampons* – conjunto de pontas metálicas afiadas que se

prendem às botas do alpinista – ou uma picareta de alpinismo, que teriam ajudado a garantir uma passagem. Ele só dispunha de um par de bastões de caminhada. Esticou um pé para testar a superfície congelada e, gradualmente, foi baixando o peso. Por um momento se equilibrou, mas logo os pés escorregaram, e ele começou a rolar ladeira abaixo. Na queda, ia acelerando, parecia um cata-vento deslocando-se sobre as pedras e a neve. Quando parou, centenas de metros abaixo, estava sentado, com as pernas abertas, como se pronto para fazer um lanche. Seria cômico, se não estivesse tão atordoado.

Pôs-se de pé e tentou andar, mas a perna ferida insistia em se curvar. O sangue jorrava de dois ferimentos profundos no joelho, salpicando de vermelho a brancura da neve. Tentou engatinhar, arrastando a perna inválida; o progresso era lento e doloroso.

Teve, então, uma ideia. Os bastões de caminhada eram ajustáveis, e ele os encurtou para usar como muletas. Descobriu que conseguia seguir em frente desviando grande parte do peso da perna machucada e mantendo-a reta como uma tábua. Aos poucos dominou a técnica, dando uma dezena de passos sem cair.

A perna ferida curvou-se e ele caiu com o rosto na neve. Por quanto tempo conseguiria sobreviver ali?

Ficou sentado um instante para recobrir as forças. Só usava um boné de esquiador, mas a cabeça parecia estar bem. Então, Sean olhou para as pernas.

A calça que cobria a sua perna esquerda estava em trapos e escorria sangue da escoriação no joelho.

Examinou o ferimento com cuidado. Com esforço pôs-se de pé, mas a perna ferida se curvou e ele caiu com o rosto na neve. Sentou-se, num rompage de alerta. Estava a quilômetros do socorro, e decerto ninguém apareceria naquela área nos próximos dias, talvez semanas. Ficou sentado na neve, à beira do desespero. Quanto tempo poderia sobreviver ali?

Por fim, chegou à trilha que vira antes. Ela atravessava a ladeira lateralmente, inclinando-se para dentro da floresta abaixo da orla de árvores. O caminho ia se alargando bastante, mas o tempo hostil havia provocado deslizamentos sobre a trilha, que ele mal conseguia atravessar. Quando escureceu, Sean pescou uma lanterna da mochila e continuou, claudicante, parando para morder uma barra de cereais ou bebericar a água do cantil.

Na manhã seguinte da desanimadora viagem até a cidade, Megan e Aidan voltaram lá e acenaram para uma van da polícia. Usando o espanhol de um

Depois do acidente, Sean Ireton escalou o El Mulhacén novamente. Apesar de sua perna não estar completamente curada, dessa vez ele chegou ao cume.



dicionário para viajantes, Megan disse ao motorista que o marido desaparecera. Foram levados à delegacia, e a Guardia Civil despachou um grupo de busca com seis homens, chefiados pelo policial Ruben Santos. Nas 24 horas após a partida de Sean,

o tempo mudara. A nevasca havia engolido a parte de cima da montanha, com os ventos soprando a quase cem quilômetros por hora e obrigando os teleféricos a interromper o funcionamento. Essas tempestades eram relativamente comuns na Sierra Nevada,

e podiam ser fatais. Em 2006, em condições semelhantes, três alpinistas ingleses morreram perto do cume. Santos e seus homens foram de snow-cat – máquina parecida com um tanque e usada para alisar a neve – até o alto das pistas de esqui, de onde partiram a pé. Em meio à confusão de ideias, Santos pensou: *Se há um homem preso lá, está correndo perigo.*

Megan e Aidan voltaram ao acampamento, desmontaram a barraca e, em seguida, mudaram-se para o hotel da aldeia; o proprietário lhes oferecera hospedagem gratuita. Dali seria mais fácil se comunicarem com a equipe de busca. Megan tentava manter Aidan ocupado; foram almoçar num café e brincaram um pouco. Antes de escurecer, voltaram ao acampamento com os policiais da Guardia Civil e pegaram o restante dos pertences. Escreveram um bilhete para Sean informando para onde tinham ido, enfiaram-no num saco plástico que penduraram numa árvore das proximidades.

Ele encontrou uma cabana e entrou, começando a tremer. Sabia que era sinal de hipotermia iminente.

gar a uma barricada com uma placa que dizia “Não Prossiga. Ponte Des-truída Adiante. Estrada Fechada”.

Sean se arrastou até um grupo de prédios. Cães de guarda latiam ferozes à entrada do que parecia ser um restaurante. Ele jogou pedras na janela, mas não apareceu ninguém. Estava desesperadamente cansado e morrendo de frio. Ali perto encontrou uma cabana e entrou se arrastando. Deitou-se no chão e começou a tremer incontrolavelmente. Sabia que aquele era um sintoma de hipotermia iminente. Percebeu que permanecer ali poderia ser fatal, então se forçou a fi-

Sean passou a noite caminhando, a perna rígida e coberta de sangue pisando. A trilha parecia interminável, mas finalmente deu numa estrada rústica de terra. Ele foi se esforçando até che-

ram-se na cama, e esperaram. A segunda noite foi a pior. “Eu não conseguia me livrar da imagem do meu marido no chão, com a neve a cair sobre ele”, recorda. Na manhã seguinte, preencheu uma ficha de pessoa desaparecida. No hotel, ela e Aidan sentaram-se na cama, e esperaram.

Dessa vez, se esgueirou por entre a barricada e acabou chegando a um café. Lá dentro havia um casal de idosos fazendo a limpeza. Quando o viram, começaram a gritar, furiosos com a invasão. Porém, ao notarem sua perna, levaram-no para dentro e lhe deram um copo de vinho.

– Você deve ser o americano desaparecido – disse a mulher em espanhol. Ouvi no noticiário.

– Pois é – disse Sean. – Tenho certeza de que sou eu.

O telefone tocou, rompendo o silêncio do quarto de Megan e Aidan no hotel. Do outro lado, um policial disse a ela que o marido fora encontrado. Estava agora em um furgão da Guardia Civil a caminho de um hospital em Granada. Megan e Aidan dispararam pelos corredores chorando, tão eufóricos que contaram a todos por quem passavam a notícia de que Sean estava vivo.

Quando chegaram ao hospital, encontraram Sean deitado numa maca num corredor. “Pensamos que você estivesse morto!”, disse Megan. Sean estava bem machucado. Além de haver dilacerado a rótula, tinha rompido

um tendão. As enfermeiras o estavam preparando para uma série de cirurgias, as primeiras etapas do que se esperava seria um ano de recuperação.

Quando teve alta, seis dias depois, a família comemorou com *pizza* num restaurante, antes de voltar para a Alemanha, onde Sean começou a fisioterapia.

Quatro meses depois do acidente, Sean viajou sozinho de volta ao Mulhacén. A perna ainda estava se recuperando, mas ele já podia pôr algum peso sobre ela com a ajuda de uma muleta de metal. Por incrível que pareça, dessa vez ele conseguiu chegar ao topo. Olhou, então, para a água azul do Mediterrâneo, na direção da África.

“Parece tão pacata quando se está lá em cima com bom tempo”, diz ele agora. “Mas aí é que a gente percebe como é fácil subestimar uma montanha como esta.”

“Eu pensei que telefonaria para os Estados Unidos com más notícias”, acrescenta Megan. “Sei que Sean não teria sobrevivido se não houvesse perseverado até encontrar a saída. Tento não pensar nisso agora, mas, quando penso, sei que tivemos sorte de chegar a um final feliz.”

ESTRATÉGIA QUASE PERFEITA

Enquanto fazia compras no mercado, vi um rapaz correndo de um lado para outro, mexendo no celular e pegando coisas das prateleiras.

Intrigada, perguntei o que ele estava fazendo.

– Minha mulher não confia em mim fazendo compras, então, ela tirou fotos de todos os produtos que precisa, com o meu celular.

– Parece boa ideia, mas por que você está correndo?

– A bateria está acabando e eu estou na metade!

Paul C., Reino Unido